

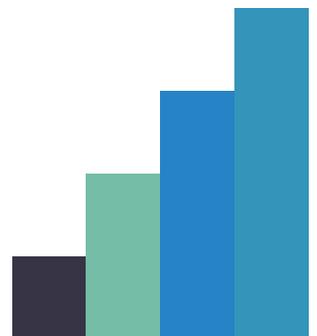
EXPRESSO/ATUAL – 7 de Junho de 2014

UM SUSSURRO QUE PAIRA

Depois de demasiados anos em silêncio, Vítor Gonçalves traz-nos um filme requintado e mágico sobre um homem mergulhado em solidão.

Há, no cinema de Vítor Gonçalves, uma tão grande paixão pela linguagem fílmica que, de súbito, começamos a perceber que o que estamos a ver não é fruto de uma simples destilação de ideias, personagens, histórias arquitectadas num edifício de que se tivessem calculado as vigas para garantir a solidez. Muito pelo contrário. A solidez do edifício tem qualquer coisa de mágico, metafísico, irracional, é um sussurro que paira, se levanta, voa, desce, impressiona, desnorteia, maravilha. Sentimos que tudo se liga com tudo, mas nada é como na grande indústria, a não ser do ponto de vista técnico (o que o cineasta pode agradecer ao produtor britânico Christopher Young que lhe garantiu a melhor pós-produção que podia desejar). E não é um arrebatamento óbvio o que nos produz, mas um despertar de sensações, de sentidos, um requinte onde apetece habitar. É como o melhor whisky: sobrenada a maior parte da produção que servirá para fazer *blended* e ser consumida com gelo e água gaseificada, em direcção à embriaguez. Pelo contrário, a camada de cima, pequena, *exquis*, é de outra natureza. É sempre complicado, em crítica de jornal, fazer muito mais que adjectivar, mesmo que o façamos sem adjectivos. No fundo, perguntará o leitor, porque é que este filme é assim tão de destacar? Tentarei esquematizar, sem ser demasiado esquemático.

1. O magnífico uso da elipse como âncora para estimular o espectador. “A Vida Invisível” é um filme em que muito do que importa não se diz, está entre o que é dito. Um exemplo: na primeira cena em que Hugo/Filipe Duarte e Adriana/Maria João Pinho se encontram, ela fala-lhe nos cabelos brancos que detecta na cabeça dele. Nós não fazemos a mínima ideia de quem ela é e qual a relação que tem com ele, é através dessa menção que percebemos que se conhecem, e não se encontram, provavelmente há bastante tempo. Um cineasta banal pô-la-ia a dizer “há seis anos que não nos vemos” assim fazendo passar uma informação. Há múltiplos outros momentos do filme em que a elipse é a figura de retórica por excelência. O filme não nos dá notícia de coisas, sugere-nos coisas, leva-nos a tirar conclusões.
2. A utilização das imagens em super-8 que um personagem que morre deixa em herança a Hugo e que voltam, como uma assombração. São obsessivas, granuladas, distorcidas, as mais das vezes apenas paisagens vazias de gente o que torna tudo ainda mais inquietante. Essas imagens materializam algo muito forte porque não sabemos de onde vêm e o que representam, não temos nunca a certeza do que aquilo é. Por isso nos intrigam, nos põem a olhar como se tivessem qualquer coisa que decifrar. E esse enigma contamina as outras imagens, as cenas com os actores, as imagens ‘normais’, digamos, e compele-nos a interrogá-las como se elas também contivessem mistérios. E têm, é claro que têm, todas as imagens têm... Em suma, despertam os nossos sentidos para a percepção global do filme de uma maneira vívida.



3. O trabalho sobre a luz que é muito marcado. Há néons sonâmbulos, há a luz exterior que vai redimir o protagonista (no fundido em branco com que o filme fecha), há a luz que isola, faz casulo, lar celular, na casa de Hugo, Lisboa velha, corte total com a luz com largueza do quarto de Adriana, Lisboa nova. A luz diz-nos coisas, fala-nos.

4. A banda sonora em geral e a música em particular. Atente-se a cada ruído, pensado e medido, crianças que se ouvem lá fora, ranger de soalho cá dentro. Veja-se o uso da música que chega, quase subreptícia, e introduz uma respiração longínqua, vagamente litúrgica, com umas vozes que parecem fantasmáticas, que vão e voltam, ora mais à superfície da obra, ora lá para trás, potenciando o tal sussurro que todo o filme me parece ser.

5. Os actores, em geral, laborando sem psicologismos. Personagens, em princípio, opacos, que vamos decifrando, nunca tomamos como conhecidos. E contudo não são entidades abreviadas, são gente – e gente com que, aqui e ali, a espaços que não em contínuo, empatizamos.

Por ocasião da estreia de “A Vida Invisível”, o primeiro filme do realizador (“Uma Rapariga no Verão”, 1986) vai ser exibido, em 16 mm, dia 6, às 22h, no Campo Alegre (Porto) e a 11 e 12, às 19h15, no Nimas (Lisboa). É uma oportunidade rara para ver uma obra onde as sementes de um grande cineasta começavam a florir, apesar dos pouquíssimos meios. História de Isabel, jovem a entrar na idade adulta à procura de um rumo, faz perfeito *raccord* com o Hugo de “A Vida Invisível”, um homem na meia-idade a perceber que a vida passou por ele e ele deixou-a fugir.

Jorge Leitão Ramos